

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA (1902—1982)

Suely Robles Reis de Queiroz

No momento em que se reinicia a publicação desta Revista, interrompida pela morte de seu fundador, Prof. Eurípedes Simões de Paulo, outra morte causa perda irreparável à historiografia brasileira: a de Sérgio Buarque de Holanda, ocorrida a 24 de abril de 1982.

O brilhante ensaísta de RAÍZES DO BRASIL deixa o legado de sua grande obra, há muito reconhecida e admirada por todos aqueles que constituem a elite pensante do país.

Nem seria por menos. Como diz Antônio Cândido em periódico da União Brasileira de Escritores, nele estão sempre presentes o crítico, o pensador, o erudito, “compondo a mais completa organização de historiador que o Brasil conhece; capaz de modular os temas e circular pelos territórios mais variados, demonstrando em cada um deles conhecimento de especialista...”

Realmente, embora passasse com singular desenvoltura pelos terrenos da crítica literária e da ensaística era como historiador que ele gostava de se ver e definir.

Sobre o historiador, muito já se disse, mas há muito a dizer ainda, tão ricas de perspectivas as suas interpretações, a exigirem de quem as analise, conhecimentos e reflexões que, certamente, não caberão nos limites de umas poucas linhas.

Uma outra faceta, no entanto, de suas múltiplas atividades pode, neste momento, ser ressaltada: a do mestre, do orientador amigo que iniciou nos caminhos da História tantas gerações estudantis...

Professor da Universidade de São Paulo por longos anos, sua presença enobrecceu os quadros desta instituição de ensino e trouxe-lhe o prestígio

de um nome já consagrado internacionalmente. Não foi um expositor metódico, preso a esquemas rigidamente traçados. Se alguém em aula lhe perguntasse algo relativo ao período colonial da História do Brasil, provavelmente ouviria uma resposta que alongaria o tema até a época republicana. E o contrário também poderia ocorrer.

Mas era justamente esse extravasamento que demonstrava — a quem o soubesse e quisesse ver — a vastidão do seu saber. O conhecimento fluía incontrolável e apontava aos jovens algo de mais profundo: que o saber é conquista do trabalho e ao gênio, não basta o talento. Por trás de tão notável erudição escondia-se o leitor incansável, aquele que Onestaldo de Pennafort ao reviver o Rio de Janeiro dos anos 20 retrata, sempre a sobraçar muitas brochuras, “das quais habitualmente emergia um Proust, quando não era um Rilke que ele adorava (...) A sua fome e a sua sede de leitura eram inauditas, daí a sua prodigiosa informação, daí a cultura...”

Historiador que era, valorizava a pesquisa, buscando incutir nos alunos o amor às fontes, sem as quais não há senão repetição.

Temia, sobretudo, o desvio da perspectiva histórica em que poderiam incorrer. Isto ganha força quando se pensa que alguns mais afoitos, seduzidos pelos atraentes modelos e construções tipológicas das ciências sociais, na ambição de redesenhar os grandes conjuntos e processos, seriam levados a abstrações e a concessões em matéria de terminologia, métodos e conceitos que nada têm a ver com a História.

A todos os que, primeiro discípulos, depois o auxiliaram na docência da disciplina de que era titular, soube incutir tal cuidado.

Quem não o conhecesse, poderia acusá-lo de distração, mas como dizia Vinícius de Moraes, era um falso distraído: nada lhe escapava das pessoas e fatos que o interessassem.

Na prontidão e prazer com que sugeria temas de pesquisa, indicava livros e emprestava-os; na satisfação que demonstrava ao se ver rodeado de estudantes, revelava-se o apego ao “métier”.

Generoso, não fazia concessões quando se tratava de competência, jamais misturando política e saber. Se dispunha de oportunidades, repartia-as igualmente com todos, como ocorreu ao buscar colaboradores para a História Geral da Civilização Brasileira que coordenou durante largo tempo. Bastava-lhe que fossem reconhecidamente conhecedores do assunto a ser desenvolvido.

Como professor, não fazia discursos sobre a democracia — que este não era o seu feitio — mas viveu-a na informalidade do trato com os

alunos, na absoluta ausência de pose que era um dos traços encantadores da sua personalidade.

E quando foi preciso, soube protestar com vigor contra o autoritarismo, aposentando-se de um cargo a que tantos se aferram, em solidariedade aos colegas atingidos pelas cassações oficiais.

Foi um mestre, portanto. À Universidade, legou a honra de lhe ter pertencido um dia. Aos alunos, um rico exemplo a ser seguido. A todos que o conheceram e com ele conviveram, uma enorme saudade.